

## COLUNA

# AS PROFISSÕES E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Yuri Miguel Macedo

## A Psicologia de Robenilson Moura Barreto



**Robenilson Moura Barreto**, negro, soteropolitano, candomblecista, é psicólogo e professor, Especialista em Educação Especial e Inclusiva. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará (PPGP-UFPA). Pesquisador do Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia Fundamental da Universidade Federal do Pará (LPPF/UFPA). Coordenador da Articulação Nacional de Psicólogas (os) Negras (as) e Pesquisadoras (os) (ANPSINEP). Atualmente docente de Psicologia na Faculdade Católica Dom Orione (TO) e Conselheiro do IX plenário, gestão 2016 - 2019 pelo Conselho Regional de Psicologia - Pará e Amapá (CRP/10), membro da Comissão de Ética (COE) e Presidente da Comissão de Psicologia e Relações Raciais do CRP/10. Experiência de atuação no campo das Políticas Públicas, Direitos Humanos, Saúde Coletiva com ênfase em Saúde Pública, Saúde

Mental, Educação Especial e Inclusiva, Relações Raciais, Psicanálise e Psicologia Social. Com 38 anos, tem como seu maior sonho “Ser professor em uma Universidade Pública”.

**Yuri (Revista África e Africanidades):** *Desde sempre sonhou com sua profissão?*

**Robenilson:** No decorrer da minha graduação

**Yuri (Revista África e Africanidades):** *Conte-nos como foi a sua trajetória de vida até você chegar onde está hoje.*

**Robenilson:** Difícil. Difícil falar da longa trajetória até aqui. Tentarei ser objetivo, mas são muitas questões que nem a análise ainda deu conta de todos os percursos traumáticos vividos até aqui. Entretanto, a ancestralidade em que me apoiei ao longo da vida me trouxe vivo até aqui. Uma trajetória árdua, dolorosa, sofrida, angustiante, frustrante em diversos momentos. Sequelas que tenho que carregar até os dias de hoje sublimando em várias

condições de violência no corpo do outro e sobre o meu corpo. Enfrentar o racismo estruturado na sociedade tem sido uma condição de sobrevivência dia pós dia. É como viver no campo minado. Qualquer lugar em que eu pisava, estourava uma bomba que aniquilava o meu eu, que anulava o meu ser como possibilidade de se humanizar. A sociedade me tirou, como jovem negro, a possibilidade da esperança e de viver afetos. Hoje amar é uma possibilidade distante, mas o ódio é uma constante. Uma constante que me trouxe até aqui como resposta a sociedade que me matava todos os dias. A racionalidade hoje é promotora de defesas egóicas para frustração vivida durante toda minha vida. Ser negro na sociedade brasileira é padecer cotidianamente no campo do fracasso, no campo da invisibilidade, no campo da negação como a única possibilidade de existir. A negação da minha existência era a possibilidade do outro existir. Matar a minha existência era permanecer vivo para perpetuação do lugar do privilégio, dominação e exploração. Difícil relatar os fatos concretos que me ocorreram até aqui... Foram incontáveis os fatos de preconceito e discriminação racial em que me matou durante toda a trajetória da minha vida. Em meio ao desemprego, a pobreza, a falta de oportunidade, a desqualificação, ao racismo encontrei forças no candomblé, o espaço que me encorajava todos os dias para enfrentar o racismo nosso de cada dia. Essa reflexão é recortes de momentos e vivências que constituíram parte da minha subjetividade até aqui. Até aqui pensando um sujeito como um produto inacabado. Se hoje sou quem sou é porque sou fruto desses relatos de experiências passadas. Talvez seja por isso que o provérbio africano que sugere Sankofa "Não é tabu voltar para trás e recuperar o que você perdeu" seja tão importante.

**Yuri (Revista África e Africanidades):** *Qual a sua graduação e Local da Graduação? Existiam estudantes negros na sua turma?*

**Robenilson:** Psicologia - UNIME em Salvador/BA e tinha apenas 02 colegas negros.

**Yuri (Revista África e Africanidades):** *Como é estar nesses espaços acadêmicos sendo negro? Sentidos, sentimento, percepções e medos.*

**Robenilson:** Habitar esses espaços é estar permeado de sentimentos de inseguranças e medos constantes. O processo pelo qual tivemos que superar para chegar até esses espaços de poder nos mostrou que precisamos estar em sentido de alerta o tempo inteiro. A ideia de não acreditarmos em nós mesmos, de se sentir incapaz, inferir é cotidiana e constante. Uma luta contra os nossos fantasmas. Nosso corpo é um corpo estranho na universidade. não foi criado, projetado ou pensado para que a nossa cosmovisão africana comunicasse com esse mundo separatista, normativo e cartesiano. A dificuldade na escrita é constante, a oralidade quando prevalece, não é autorizada pelo campo da razão do homem padrão iluminista. É isso... são um movimento de insegurança constante, impotência e medo de não dá conta de um circuito acadêmico. Não fomos preparados para academia, "não é nosso lugar", por isso não tivemos acesso a pesquisa, não fomos preparados para entrar no campo da produção científica. Por que "a ciência é razão", "não somos racionais", temos sempre "um problema afetivos porque estamos sempre afetados e não temos capacidades de discutir as coisas racionalmente". Somos "ressentidos, e não damos conta de separar a razão da emoção..." Essas são as narrativas construídas para voltarmos ao nosso lugar de pretos e pretas. Não há possibilidade de se sentir bem em um espaço como esse, em que os doutores falam "verdades" porque são legitimados a falar o que quiserem. Portanto, esse lugar é um sentido de não pertença eterno. parece que temos que brigar o tempo inteiro para permanecermos nesse lugar, para que possam legitimar nosso trabalho.

**Yuri (Revista África e Africanidades):** *Houve algum problema relacionado à academia por questão racial? Se sim, qual.*

**Robenilson:** Sempre tem problema. mesmo que não haja um problema de fato ou concreto. Mas p pensamento persecutório que nos invade o tempo inteiro nos faz imaginar ou pensar que as coisas não acontecem, ou não estão acontecendo porque somos pretos numa instituição que não nos quer lá e estudando um tema que não deveria ser estudado lá. A sensação, o tempo todo é que tudo é muito difícil para acontecer, e quando acontece não acreditamos ou achamos que não é verdade. Falei isso na terceira pessoa, mas isso sempre acontece comigo. Assim que acabei o mestrado e fui fazer seleção para professor universitário eu não passava em seleção alguma. Meus concorrentes eram sempre brancos e eu sempre ficava em segundo ou terceiro. A desculpa era que eu não tinha doutorado. mas como saber se de fato era isso? Ou não seria um racismo institucional? F\*\*\*! Essa paranoia nos persegue 24h em todos os lugares, em todas as seleções. Ainda que tivesse doutorado, meu corpo é uma marca que chega primeiro que a marca simbólica das titulações ou qualquer dinheiro.

**Yuri (Revista África e Africanidades):** *Estudou Relações Étnico Raciais durante seu curso de graduação ou pós-graduação? Você acha necessário disciplinas/ componentes na graduação ou pós-graduação que trata das relações Étnico Raciais no Brasil?*

**Robenilson:** Sim. Extremamente necessário. Inclusive a faculdade que trabalho hoje, ministrou essa disciplina no curso de Psicologia de forma obrigatória

**Yuri (Revista África e Africanidades):** *Quantos professores negros você teve na graduação ou pós-graduação? Lembra os nomes?*

**Robenilson:** Nenhum, só na pós-graduação a Prof.<sup>a</sup> Zélia Amador de Deus que acabou sendo minha coorientadora.

**Yuri (Revista África e Africanidades):** *Já teve algum problema na sua vida profissional por sua cor? Exemplo: algumas pessoas não quiseram ser atendidos/ensinadas/outro motivo por conta de ser negro.*

**Robenilson:** Sim... Esse problema é constante. Sou Psicólogo, as vezes as pessoas nunca imaginam que vão encontrar um negro pra tratar de seus problemas psicológicos. Vem uma vez e não volta mais... Tanto na rede pública como na rede particular.

**Yuri (Revista África e Africanidades):** *Quanto à política nacional para promoção da igualdade racial o que você acha?*

**Robenilson:** Uma política necessária para construir outras diretrizes para execução das pautas direcionado a essa temática. Mas penso também que precisamos otimizar as políticas com a sua execução em termos de gestão. nem sempre os gestores dessas instituições estão ou são sensibilizados com a pauta. Com isso, penso que podemos cair numa armadilha do racismo institucional. Precisamos estabelecer uma tecnologia para que as gestões possam garantir a execução da política

**Yuri (Revista África e Africanidades):** *O que pensa sobre as cotas nas universidades e institutos federais?*

**Robenilson:** Eu fui cotista e sei da extrema necessidade de efetivar as ações afirmativas em diversos âmbitos da gestão; municipal, estadual e federal, sobretudo federal. Uma política que favorece, pelo menos do ponto de vista estético, a posição desigual entre brancos e negros nos espaços institucionais.

**Yuri (Revista África e Africanidades):** *Já sofreu racismo? Se sim conta-me como foi, onde foi e sua reação.*

**Robenilson:** Muitos. Não saberei te dizer aqui um fato específico. De forma sutil, de forma escancarada, velada... Além de eventos cotidianos em que “[...]” de banco se travam, as pessoas não te dar prioridade em atendimentos, seguranças me seguir no shopping, não conseguir estágio por conta do meu cabelo, de acharem que não tem jeito de psicólogo, não conseguir emprego em estabelecimentos que exigem boa aparência, ser preterido pelas garotas do bairro, enfim, tem um evento em especial que me marcou muito. Eu trabalhava como auxiliar de anatomia patológica em um hospital católico de Salvador. Nessa época eu tinha cabelos *dread*, estava começando a cuidar dos cabelos e já estava cursando Psicologia. Eu precisava usar touca porque era um setor que exigia que eu estivesse de roupa específica e de touca em alguns momentos. Certa vez chegou algum diretor de algum outro estado para visita no hospital e nesse dia estava fazendo um trabalho administrativo, portanto sem touca. No momento de apresentar os colaboradores, meu coordenador me apresentou como auxiliar de anatomia patológica, até aí tudo bem, mas eu não entendi uma coisa; porque ele acrescentou que eu era muito inteligente e estava fazendo um curso de psicologia? Aquilo me marcou profundamente, sendo que só tinha eu de funcionário negro. Eu fiquei perplexo e sem ação. Tentando entender o porquê ele falou tudo aquilo da minha pessoa. Obviamente isso não era comum, mas depois eu entendi que quando a gente ocupa algum lugar de representatividade nos espaços de poder precisamos ter credenciais que justifiquem nosso lugar nesses espaços.... Assim essa história se segue em outros espaços que ocupamos e que não é nosso lugar". É preciso sempre justificar o porquê esse corpo estranho está ocupando esse lugar!

**Yuri (Revista África e Africanidades):** *Acredita que um projeto de educação pautado na diferença e singularidade pode reverter a situação da violência a negros, mulheres e LGBTQ+? Como você vê isso?*

**Robenilson:** Não apenas. A educação é apenas uma frente que pode ajudar a transformar essa realidade e fazermos o enfrentamento do racismo no nosso dia a dia. É extremamente importante que um projeto de educação em todos os espaço e campos na sociedade seja pautado. Artes, ciência, cultura, educação, sociedade, economia, justiça, a saúde, a religiosidade e outros. A educação norteia todos esses espaços? Sim, mas é preciso pensar a sociedade de forma Interseccional para que possamos enfrentar o racismo, o machismo e homofobia. Relação estrutural que nos remete a uma condição e disposição para unirmos as pautas de luta. Sem pensar nessa relação dificilmente venceremos o racismo.

Quantos processos e caminhos percorremos igual ao Robenilson? Eu, você, ele e nós precisamos refletir... “A cosmovisão africana nos remete a três elementos centrais e fundamentais para nos percebermos como jovem negro periférico em qualquer lugar dessa

diáspora; Ancestralidade, família e comunidade. Esses elementos centrais, em que podemos buscar do lugar onde vinhamos (África) pode ser a chave para libertação de nossas mentes e nossos corpos. Voltemos e busquemos o que é nosso para construirmos um novo futuro para nós! Motumbá!”



## **Yuri Miguel Macedo**

Professor Pesquisador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Professor no Programa de Pós-Graduação Lato Sensu Formação de Professores em Letras-Libras na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Aluno do Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia, licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Boa Esperança - FABIBE, Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira, Especialista em Educação de Jovens e Adultos, atuando principalmente nos seguintes temas: Identidade, Cultura, Classe, Gênero, Educação Inclusiva, Educação, Devoções, Transversalidade, Africanidades e Ancestralidade. Coordenador do Grupo de Pesquisa Educação Transversal (UFES), vice coordenador do Grupo de Pesquisa Erê-Ecoa (UFES) Pesquisador dos grupos: Grupo de Pesquisas em Linguagens, Poder e Contemporaneidade GELPOC (IFBA); Políticas de Inclusão e Educação para as Relações Étnico-Raciais (UFES); Invisibilidade Social e Energias Emancipatórias em Direitos Humanos (FDV) ; Espaços Deliberativos e Governança Pública (UFV/CLACSO) e Educação para as relações étnico-raciais, territorialidades e novas mídias (UFES). Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e Société Internationale d'Ergologie.